

TEATRO

Luís Campião

# O menino da burra



COMPANHIA  
DAS ILHAS

# O MENINO DA BURRA

coleção  
azul e balto  
TEATRO

© Companhia das Ilhas  
Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3  
9930-149 Lajes do Pico  
[www.companhiadasilhasloja.wordpress.com](http://www.companhiadasilhasloja.wordpress.com)  
e Luís Campião

Luís Campião

## O MENINO DA BURRA



COMPANHIA  
DAS ILHAS

2014

(Gravado)

O MILÍMETRO DA BURRA

O travessão [ - ] no final das falas indica interrupção no discurso.

Freguês,  
esta aguardente, vossemecê não vai esquecer.  
Tem alma,  
tem corpo.  
É líquido capaz de levantar os mortos.  
Uma bela aguardente.  
Aguardente de meu pai.

Chamavam ao meu pai “o menino da burra”.  
Foi ele quem construiu esta taberna.  
Por isso é que chamam a isto a taberna do menino da burra.  
Mas isto foi depois.  
Foi depois da guerra.  
Antes, quando o meu pai ouvia “lá vai o menino da burra”,  
saltava de onde estava e desatava ao soco.  
Aprendi a dar socos com o meu pai.  
“Não há nenhuma arma que substitua um bom soco!”  
Era o que ele me dizia.  
E sempre que ouvia “lá vai o menino da burra”,  
saía-lhe um gancho de direita,  
para desfazer a boca a quem quer que lhe chamasse menino da burra.  
E se não fosse certo o gancho com a direita,  
ele era logo outro com a esquerda.  
Aquilo não era coragem.  
Aquilo era suicídio.  
O meu pai era uma arma.  
Levava porrada como um herói.

Nunca passou da primeira divisão nos combates de boxe  
amador,  
do clube desportivo aqui da aldeia.  
Mas era um grande pugilista.  
Na cabeça dele.

Uma bela aguardente, freguês.  
O meu pai fez uma bela aguardente.  
Já depois da guerra.  
Antes da guerra,  
era o boxe.  
Nunca percebi aquilo.  
Qualquer coisa saltava-lhe o gancho.  
Eu próprio, moço pequeno,  
não me safava.  
Com um ou outro golpe mais trôpego do meu pai,  
acabava por chegar a casa com um olho negro.  
Não porque lhe escapava o golpe,  
muito menos por falta de jeito ou coordenação.  
Ele, que era um grande pugilista na cabeça dele,  
mas porque a mim me falhava o golpe de defesa.  
Não era suficientemente rápido, dizia-me.  
Eu, que na altura tinha à volta de três anos.  
Três anos e um olho negro.  
O meu pai era um grande pugilista na cabeça dele,  
é verdade,  
e na cabeça dele,  
também eu havia de ser um grande pugilista.  
Isto porque um homem faz-se à batatada,  
e nas artes da guerra dão as crianças os seus primeiros  
passos na humanidade.

Ele, o menino da burra,  
que não passou da primeira divisão no clube desportivo  
da aldeia,  
foi meu treinador de boxe,  
ainda eu esperneava no ventre de minha mãe.  
Até ao dia em que foi para a guerra.

Mas digo-lhe, freguês,  
nunca tive muito jeito para a porrada.  
Acabei aqui,  
nesta taberna,  
com uma aguardente capaz de levantar os mortos.  
Ora diga lá?

Reza a história que o meu pai perdeu os pais muito cedo  
e foi criado pela avó,  
minha bisavó.  
Mas a minha bisavó não tinha ama para o criar,  
nem tinha provisões para o manter,  
e então o que é que ela fez?  
Tinha uma burra que estava a criar um burrinho  
pequenino,  
e habituou o neto a mamar na burra,  
e o meu pai criou-se com o leite da burra.  
Dizia a minha bisavó que o leite da burra fazia os homens  
fortes e corajosos.  
Pequenino e franzino como o meu pai era,  
mal não lhe havia de fazer.  
Isto ficou a saber-se,  
e vai daí começaram a chamar ao meu pai “o menino  
da burra”,

**Companhia das Ilhas**  
**coleção azulcobalto | teatro**

Direção de Rui Pina Coelho e Carlos Alberto  
Machado

Edição 032

**azulcobalto | teatro 006**

1ª Edição (Março de 2014 - 100 exemplares)

**Fotografia da contra-capas:** Margarida Garcia

**Design, impressão e acabamentos:** milideias.pt

**Depósito legal:** 369911/14

**ISBN 978-989-8592-41-5**